

## A CRIANÇA COM TEA NA SALA DE AULA

Romualdo Pereira da Costa<sup>1</sup>  
Diogenes José Gusmão Coutinho<sup>2</sup>

**RESUMO:** O tema surgiu da observação de crianças autistas, fora e dentro do ambiente escolar. Com a intenção de entender melhor as crianças portadoras dessa síndrome que geralmente é percebida aos dois anos de idade, durante o período de seu desenvolvimento, pois ao nascer as crianças aparentam ser “normais” dificultando dessa forma o diagnóstico. Esse trabalho pretende ajudar o professor a identificar uma criança autista e promover a mesma a capacidade de desenvolver sua competência social na integração com os demais alunos. Está cada dia mais comum recebermos crianças especiais em sala de aula e a inclusão desse tipo de criança requer a sensibilidade em perceber e acreditar no potencial de cada indivíduo. Pensando nisso, esta pesquisa vem trazer para o professor e todos envolvidos com uma criança autista, fazer valer as leis criadas mais que nem sempre podem ser cumpridas pela fala de preparo daqueles que trabalham na escola.

**Palavras- Chave:** Inclusão. TEA-Autismo. Professores. Necessidades especiais.

**ABSTRACT:** The theme arose from the observation of autistic children, outside and within the school environment. With the intention of better understanding the children with this syndrome that is usually perceived at two years of age, during the period of its development, because at birth the children appear to be "normal" thus making the diagnosis difficult. This work aims to help the teacher identify an autistic child and promote the ability to develop their social competence in integration with other students. It is becoming more and more common for us to receive special children in the classroom, and the inclusion of such children requires sensitivity to realize and believe in the potential of each individual. With this in mind, this research brings to the teacher and everyone involved with an autistic child, enforcing the laws created that can not always be fulfilled by the preparation speech of those who work in school.

1277

**Keywords:** Inclusion. TEA-Autism. Teachers. Special needs.

### INTRODUÇÃO

Muito se comenta atualmente no espaço educativo em relação a inclusão de pessoas portadoras de necessidades. Tanto que já existem leis que promulgam a obrigação e dever da escola em reintegrar essas pessoas ao mundo social possibilitando as mesmas o convívio escolar e a oportunidade de desenvolver suas capacidades intelectuais da maneira que for possível.

---

<sup>1</sup>Graduado em Gestão Pública.

<sup>2</sup>PhD in biology From UFPE. <https://orcid.org/0000-0002-9230-3409>.

Diante disso, três fatores que engajados podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com necessidades, que são: a família, a escola e o professor. Ambos em parceria podem mobilizar ações que projetem aos alunos com necessidades especiais a capacidade de reintegração social.

Nesse sentido, o presente projeto pretende apresentar uma reflexão acerca da inclusão de pessoas autistas no contexto educativo. A literatura existente acerca do autismo trata quase sempre dos prejuízos ocasionados por esse tipo de especialidade, estigmatizando de certa forma o portador, fato que gera discussão em relação a possível inclusão desses alunos ou não da escola comum. Assim pretendemos responder a seguintes questões: Qual a competência social do aluno autista na escola comum? É possível através de ações educativas e interativas possibilitar ao aluno autista o desenvolvimento de suas potencialidades sociais? Como pais, escola e professores podem contribuir no sentido de trazer esse aluno ao convívio escolar comum?

Sabe-se ou pelo menos é assim que deveria ser, que a escola inclusiva deve contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem satisfatória, em um ambiente prazeroso, com um espaço atraente para contribuir e assegurar ao aluno o maior progresso possível. Nesse sentido, é também importante a contribuição da família. Ensinar aos pais a entender o mundo dos seus filhos, de maneira que os integre de forma efetiva para o nosso mundo é uma obrigação. Muitas vezes, até mesmo por falta de informação, os pais não proporcionam aos seus filhos autistas a possibilidade de interagir com o mundo, cerceando o convívio social.

O que de fato é necessário nesse processo é um olhar atento daqueles envolvidos com aluno autista, pais, escola e professor devem construir um espaço com a capacidade de despertar no aluno as suas competências sociais e de interação.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Falar sobre os desafios na sala de aula para crianças autistas.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Descrever Transtorno do Espectro AUTISTA- TEA;
- Definir Educação inclusiva;

- Demonstrar possibilidades pedagógicas para crianças com TEA em sala de aula.

### 3.METODOLOGIA

#### 3.1 Classificação da pesquisa

Revisão da Literatura

#### 3.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi feita através de teorias de Leo Kanner (1943) e de Hans Asperguer que foram pioneiras na descoberta do autismo e na *scielos*, *bireme* e *google acadêmico*.

#### 3.3 Sujeitos da pesquisa

Crianças com TEA e Professores.

#### 3.4 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos

Fichamento de livros que tratem do assunto para a compreensão da temática em questão.

1279

## 4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo autismo origina-se do grego *autós*, significa "de si mesmo" esse termo foi usado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911 para designar a perda de contato com a realidade ou pela grande dificuldade ou impossibilidade na comunicação. Segundo Ascênsio-Ferreira (2005), Leo Kanner em 1943 descreveu 11 crianças, que tinham um comportamento original, que correspondia perfeitamente com o conceito de autismo.

Observou nessas crianças, uma inabilidade para estabelecer contato afetivo e interpessoal e sugeriu que não se tratava de uma doença única mais sim de um distúrbio de desenvolvimento complexo de diferentes graus, padrões e comportamento, uma síndrome muito rara, que atinge mais pessoas, que provavelmente mais frequente do que o observado, devido ao número de casos até então diagnosticado:

É possível que simplesmente sempre existiram várias crianças com autismo e não eram diagnosticadas; agora com o maior número de profissionais lidando com a saúde infantil e com melhores informações à respeito, propiciou-se maior possibilidade de diagnósticos (ASENCIO-FERREIRA, 2005, p.102)

Através de suas observações desses casos e do contato com as famílias, abordando a

história de cada caso, respeitando particularidade de cada um, Kanne (1943) descreveu esse conjunto de características denominado por ele de Autismo Infantil Precoce, as dificuldades de interação social; o olhar distante, a falta de afetividade; um comportamento social impróprio ou isolamento, pobre contato visual; dificuldade em participar de atividades de grupo; e falta de empatia social ou emocional.

Um ano mais tarde o pediatra Aspeger, descreveu outros casos de crianças com algumas características semelhantes à do autismo que também apresentam dificuldade na comunicação social. Mas apresentam o fato de terem inteligência superior e uma aptidão para lógica e abstração (PALHA, 2011).

Há uma diferença entre o cérebro de uma criança típica e o de uma criança autista. Uma criança autista quando vê uma bola nem sempre tem a intenção de chutá-la, ou de brincar com ela, mas cria estereotípias que causam atraso no seu desenvolvimento motor. As crianças autistas costumam ser atraídas por objetos que lhes o uso correto (PALHA, 2011).

Normalmente, a concentração pedagógica é muito pequena, o professor deve preparar suas aulas de forma lúdica para que não haja birra, deve observar o que mais chama a atenção de seu aluno, aprender a se relacionar com ele, porque incluir também é aprender.

1280

O professor para saber se está havendo um aproveitamento pedagógico, deve observar os seguintes aspectos: Capacidade sensorial; capacidade espacial; capacidade de simbolizar; subjetividade; linguagem; cognição; hiperatividade; estereotípias; psicomotricidade; socialização e afeto. O método TEACCH foi desenvolvido na década de sessenta, nos Estados Unidos, no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina na Universidade da Carolina do Norte, o método foi implantado nas escolas devido a cobrança dos pais de crianças com autismo, pois reclamavam a falta de atendimento educacional para essas crianças (PALHA, 2011)

Esse tratamento deu muito certo pelo empenho tanto do centro como dos professores o que permitiu que esse método fosse aperfeiçoado através da teoria e a prática nas salas de aula. Uma visão da realidade dessas crianças muito inteligentes, mas "fechados em uma redoma de vidro", sem comunicação por decisão própria. Em 1967, quando Alpen iniciou testes com crianças constatou que nas crianças que foram denominadas autistas, estavam presentes dificuldades reais de aprendizagem, de comunicação e que precisavam ser vista de uma maneira especial na sala de aula (PALHA, 2001).

O método TEACCH tem uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança e determinar seus pontos fortes, seus interesses, suas dificuldades de aprendizagem, de comunicação e a partir daí montar um programa individualizado.

Desse ponto de vista o professor poderá adaptar as ideias gerais oferecidas dentro da sala de aula e dos recursos disponíveis. Trabalhando com as individualidades de cada aluno. Além de estimularem o desenvolvimento motor e cognitivo, esses materiais possuem a capacidade de manter o aprendiz sob concentração, não permitindo a dispersão que comumente ocorre quando ele é simplesmente ouvinte. (LAGÔA, 1981).

A inclusão de crianças autista no contexto educativo requer a mobilização de escola, professores e pais, que engajados nesse processo poderão contribuir para despertar no aluno as capacidades e potencialidades, trazendo o mesmo para o convívio social.

A educação inclusiva tem sido uma abordagem que procura responder às necessidades de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Diante desta perspectiva, entende-se que o desenvolvimento de sistemas educacionais inclusivos no qual as escolas devem acolher todas, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais e linguísticas, representa a possibilidade de combater e responder às especificidades dos alunos.

1281

Nas últimas décadas, a incorporação das diretrizes da educação, para todos, se efetivaram com vistas à universalização do acesso à educação, resultando num aumento significativo do número de matrículas entre crianças em idade escolar. A expansão do acesso à educação conduziu a uma reflexão e questionamento acerca da qualidade educacional, tendo em vista os altos índices de reprovação e evasão escolar.

Daí, o não cumprimento do direito de todos a educação e a discriminação ainda presente no contexto educacional brasileiro; o que acarreta na busca por escolas especiais ou particulares pelas famílias que não desistem da escolarização de seus filhos.

Nas escolas privadas também há uma tendência para não aceitar crianças com deficiências alegando não estarem preparadas, e muitas, quando recebem, cobram taxas extras. Crianças de escolas especiais integradas em escolas regulares tendem a retornar alegando discriminação; famílias consideram que as escolas regulares não são ambientes seguros para seus filhos; crianças aceitas nas escolas regulares tendem a abandonar porque

elas não respondem as suas necessidades; a educação ofertada a estes alunos é no geral de pouca qualidade, mantendo-se no âmbito de atividades da Educação Infantil.

Dessa forma, o desafio da educação brasileira é a complementação da política de inclusão educacional direcionada a promoção, ao acesso e a qualidade; com a organização de escolas que atendam a todos os alunos sem nenhum tipo de discriminação, escolas que valorizem as diferenças como fator de enriquecimento do processo educacional, transpondo barreiras para a aprendizagem e participação com igualdade de oportunidades.

A transformação dos sistemas educacionais para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais significa uma mudança na gestão da educação que possibilite o acesso às classes comuns do ensino regular e a redução de barreiras para o acesso ao currículo. Uma nova gestão dos sistemas educacionais que priorize ações de ampliação da Educação, o desenvolvimento de programas para a formação de professores, a adequação arquitetônica dos prédios escolares para acessibilidade e a organização de recursos técnicos, de serviços e de comunicações que provem a acessibilidade pedagógica.

Entre as ações do Ministério da Educação e Cultura (MEC) para apoiar a construção de sistemas educacionais inclusivos destaca-se o programa educacional inclusivo que prioriza (ao menos em tese) o direito à diversidade, objetivando a disseminação da política de inclusão nos municípios brasileiros e Distrito Federal; além da formação de gestores e educadores, a sensibilização da sociedade e a formação de redes de apoio do processo de inclusão.

Outro foco de atenção da política educacional do MEC na perspectiva da inclusão educacional se refere ao acompanhamento dos indicadores de qualidade, que por meio da alteração da coleta de dados do Censo Escolar, passou a pesquisar a série e o ciclo dos alunos da Educação Especial. Tal pesquisa permite analisar o fluxo escolar destes alunos no sistema educacional.

Por outro lado, não basta acolher e promover a interação social; é preciso ensinar, como a própria legislação prevê desde 1988, quando a Constituição foi aprovada. Ao invés de realizar o atendimento clínico, segregado ou incluindo os alunos com necessidades educacionais especiais, a orientação correta é dar apoio aos professores regentes e permitir que eles e seus colegas especialistas trabalhem cada vez mais em conjunto para então garantir a aprendizagem. Desta forma cabe ao professor reconhecer essa nova função e lutar pelos recursos necessários para este fim; pois, não basta matricular para ser uma escola inclusiva,

é necessário que haja união de toda equipe pedagógica para trabalhar em função da aprendizagem.

O ensino-aprendizagem de forma unívoca no ambiente escolar tem gerado deficiências no *feedback* e no aproveitamento escolar em todos os alunos. O modelo atual da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais no Ensino Fundamental é excludente à medida que o sistema de educação brasileiro não se prepara, o nível de aperfeiçoamento do professor é insatisfatório, gerando um conflito gnosiológico entre o educador e o educando.

Pensando nas aprendizagens, é necessário no caso das crianças especiais que se considere, em termos de organização de seu trabalho, fatores como a interação entre os alunos, os conhecimentos que estas já possuem, a individualidade de cada uma, a heterogeneidade da turma, o nível de desafios apresentados pelas atividades e as possíveis conquistas.

Freire (1998, p. 126) aponta que “ensinar não é só transferir conhecimento. Ensinar exige respeito à autonomia do ser, bom senso, saber, escutar, disponibilidade para o diálogo, querer bem ao educando e aos outros”. Em outras palavras, ensinar é um ato social onde professores e alunos trocam experiências vivenciadas e transformam saberes populares em saberes acadêmicos.

Para lidar com crianças especiais é necessário ter qualidades como: paciência, dedicação, carinho, amizade, vontade de ajudar e atitudes democráticas ajudam na aprendizagem. No caso do professor autoritário, dominador que não respeita a curiosidade do aluno, que não consegue criar vínculo com os mesmos, estará estimulando-os a assumirem comportamentos agressivos, dificuldade de concentração, desinteresse, entre outros, criando assim um ambiente de desarmonia.

Deve-se estar atento, a necessidade de organizar e propiciar espaços e situações de aprendizagem. Cabendo a tarefa de proporcionar a aprendizagem considerando todas as capacidades e potencialidades dos alunos, além de planejar as condições de aprendizagem baseadas nas necessidades, características e ritmos individuais.

Vygotsky (*apud* Davis, 1994, p. 49) usa este termo, para se referir à distância entre o nível de desenvolvimento real (aquilo que o aluno é capaz de fazer sozinho, porque já tem um conhecimento consolidado) e o nível potencial de desenvolvimento (determinado por

aquilo que a criança ainda não domina, mas é capaz de realizar com a orientação ou colaboração de um adulto ou com as crianças mais experientes).

O professor desempenha bem seu papel se, resgatando o que o aluno já sabe, for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, incidindo na zona de desenvolvimento proximal dos alunos. O papel do educador é, deste modo, fundamental, pois caberá a ele mediar as interações do aluno com os objetos de conhecimento, respeitando suas potencialidades. Em termos práticos, é o investimento na ampliação da zona de desenvolvimento proximal que deve constituir o objetivo do processo pedagógico.

É esse investimento que justificará a escolha didática que orientará a prática pedagógica destinada às crianças com necessidades educacionais especiais. O conceito de “zona de desenvolvimento proximal” esclarece a ideia de que é possível partir das capacidades cognitivas já alcançadas pela criança e expandi-las, desde que coloque em interação com o adulto ou com crianças mais experientes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho semelhante deve ser dedicado ao professor que recebe esse aluno, pois na grande maioria das vezes o professor não está preparado para receber esta criança portadora de autismo, e se assusta diante da situação, pois alguns se acham incapazes de lidar com esse aluno, e é neste momento que o psicopedagogo deve estar à disposição para ajudar a direcionar a prática pedagógica ao seu objetivo principal que a aprendizagem, observando é claro que cada criança tem seu tempo, ritmo próprio, e que mesmo dentro de suas dificuldades e limitações a aprendizagem seja prazerosa, levando essa criança a querer ir mais adiante e explorar todo seu potencial. Pois apesar do que alguns pensam, as pessoas com deficiência mental podem percorrer um longo caminho de sucesso na escola.

O foco do movimento ensino-aprendizagem é o aluno, e esse aluno, é um ser único, que traz toda sua bagagem, sua realidade e suas expectativas com relação a escola onde será incluído.

Por isso o processo de inclusão tem que estar diretamente ligado a relação ensino-aprendizagem, superação, afetividade e respeito. Pois sem essas relações será muito difícil, senão impossível que haja uma inclusão verdadeira, o professor tem seu papel dentro da inclusão fundamental, pois é ele que vai garantir que esse aluno tenha uma educação de qualidade, não apenas com uma transmissão de conhecimentos, mas focando principalmente



no seu desenvolvimento humano, já que em se tratando de aluno com deficiência seu aprendizado será diferenciado.

Estamos falando do papel do professor, mas a escola não é só o professor, é um todo, e esse todo precisa de coesão, para que o processo de pedagógico seja bem sucedido. E para que esse processo pedagógico ocorra de modo eficiente, também será importante se dar um suporte a todos os outros membros que fazem parte da comunidade escolar, sejam eles funcionários, alunos, ou familiares desses outros alunos. Só com essa interação é que se pode afirmar que é um ambiente escolar inclusivo.

## REFERÊNCIAS

ASSENCIO - FERREIRA, Vicente Jo. **O que todo professor deve saber sobre neurologia.** São José dos Campos: Pulso, 2005.

CUNHA, Eugenio **Autismo e Inclusão: psicologia e práticas educativas na escola e na família.** 23 Edição. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

FARRELL, Michael. **Dificuldade de comunicação e Autismo: guia do**

**professor/Michael Farrell; tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese.**- Porto Alegre: Artmed, 2008.

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. *In:* ROCHA, Paulina. (org.). *Autismos.* São Paulo: Escuta, [1943]; 1997 p. III-170.

LAGÔA, Vera. **Estudo do sistema montessori fundamentado na análise experimental do comportamento.** São Paulo: Loyola, 1981.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, **Classificação de transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10.** Porto Alegre-Artmed, 1993.

PALHA, Miguel. **Síndrome de Asperger. Centro de desenvolvimnto infantil de diferenças.** Disponível em:

[http://www.diferencas.net/site/documentos/sindrome\\_asperger.pdf](http://www.diferencas.net/site/documentos/sindrome_asperger.pdf) acesso 15/04/2023

ROTTA, Newra Tellechea, OHL WEILER, Lygia, RIESGO Rudimar dos

**Santos. Transtorno de Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar.**

Porto Alegre: Artmed, 2006.